

O AMIGO DOS MUSEUS

Folha Informativa da FAMP

N.º 6

Novembro de 2005

NOTA DE ABERTURA

Aproxima-se o fim do ano 2005 e com ele termina a vigência da actual Direcção da FAMP. Ao longo deste anos prosseguimos os objectivos de preservação do nosso património e cultura, fomentando a criação de novas Associações de Amigos, de iniciativas culturais e de convívios entre os nossos Associados e promovendo o diálogo entre as Associações de Amigos e os poderes públicos, pugnando pelo reconhecimento da mais valia que os Amigos dos Museus representam. Assim, para além da realização de Encontros Nacionais de Amigos dos Museus, jornadas do Dia Mundial dos Museus e do I Congresso dos Amigos dos Museus de Portugal que teve lugar muito recentemente, instituiu-se o Prémio Professor Reynaldo dos Santos que já teve três edições e esperamos tenha uma próxima edição em 2006, criamos um site na internet - local privilegiado para troca de informação entre os Amigos - e participamos activamente na WFFM e suas assembleias e reuniões.

No entanto, apesar do empenho e “carolice” dos seus membros, alguns problemas ficam por resolver, nomeadamente a questão da sede e a escassez de meios, humanos e materiais. Na verdade os patrocínios têm vindo a diminuir e em 2005 a única fonte de receita da Federação foi a quotização dos seus Associados que, infelizmente, não são muito numerosos.

À nova Direcção da FAMP desejamos o maior sucesso na tarefa que agora empreendem.

I CONGRESSO DOS AMIGOS DOS MUSEUS DE PORTUGAL. CASCAIS-NOVEMBRO DE 2005

Realizou-se de 17 a 19 de Novembro, o I Congresso dos Amigos dos Museus de Portugal. A sessão de abertura teve lugar no Casino Estoril, tendo usado da palavra Maria de Vasconcellos e

Souza, Presidente da FAMP, que depois de ter saudado as entidades oficiais dirigiu um agradecimento particular ao Presidente da Câmara Municipal de Cascais, co-organizadora deste Congresso, Jean Louis Albessard que leu a mensagem enviada por Carla Bossi, Presidente da WFF, o Dr. Manuel Bairrão Oleiro, Director do IPM e em representação da Ministra da Cultura e Dr. António d'Orey Capucho, Presidente da Câmara Municipal de Cascais.

As sessões de trabalho incidiram sobre três temas e apresentamos uma síntese das mesmas e comunicado final, elaborados pelo Prof. José da Encarnação, e que foram aprovados pela assembleia.

I CONGRESSO DOS AMIGOS DOS MUSEUS DE PORTUGAL

Cascais, 17 a 19 de Novembro de 2005

Organizou a Federação de Amigos dos Museus de Portugal o seu I Congresso, subordinado ao tema «Os Amigos dos Museus, elementos activos nas estratégias dos museus».

Na cerimónia de abertura, que se realizou no Casino Estoril, os discursos protocolares salientaram a importância do evento, tendo, nomeadamente, o Sr. Presidente do Instituto Português de Museus, Dr. Manuel Bairrão Oleiro (em representação da Sra. Ministra da Cultura) manifestado o seu apreço pela actividade que, a todos os níveis, os Amigos dos Museus vêm desempenhando, e o Dr. António d'Orey Capucho, presidente da Câmara Municipal de Cascais, entidade anfitriã, dado a conhecer as iniciativas que, no domínio museológico, o Município tem levado a cabo e estão em vias de concretização.

Proferiu Nuno Crato a conferência de abertura, «Do que se gosta e do que não se gosta quando se visita um museu». Acentuou como a divulgação deve ser um meio para resolver o deficit de cultura humanística e científica, a fim de se colocar a ciência no quotidiano, actividade a desenvolver desde logo na Escola e também pelas entidades museológicas. Apontou aspectos que impedem, no quotidiano, o completo usufruto de uma visita ao Museu.

Decorreram os trabalhos no auditório do Centro Cultural de Cascais, em três painéis, consoante os pontos de vista a abordar: o de entidades com tutela sobre museus, o dos museus e, finalmente, o dos Amigos dos Museus.

Moderou o primeiro o Dr. António Carvalho, Director do Departamento de Cultura da Câmara.

Começou por usar da palavra Clara Camacho, subdirectora do Instituto Português de Museus (IPM), que traçou uma panorâmica, a nível nacional, dos grupos/associações de amigos existentes nos 32 dos 120 museus que integram a Rede Portuguesa de Museus: 19 de museus dependentes da Administração Central, 5 da Administração Local, 5 de museus privados e 3 da Administração Regional. Sublinhou serem, de um modo geral, por via dos estatutos, objectivos dos Amigos o enriquecimento das colecções, a valorização dos associados, o trabalho voluntário e o mecenato, a promoção de investigação, exposições, publicações e cursos, a defesa do património da área envolvente do Museu e a cooperação com outros museus. Ou seja, dar um importante contributo para as funções museológicas. E, portanto, concluiu, é intenção do IPM apoiar o mais possível a criação e a actividade dos Amigos de Museus.

Cristina Passos, adjunta da direcção da Fundação Serralves, escolheu para tema da sua intervenção «Os Amigos dos Museus: elementos activos nas estratégias dos museus», referindo-se, de modo particular, à parceria inovadora que se tem revelado a associação «Os Amigos de Serralves», lançada em Julho de 1995, que, embora sem personalidade jurídica, constitui importante apoio no desenvolvimento das actividades da Fundação, nos seus variados campos de acção, relevando o voluntariado (desde 2002, com 27 voluntários na actualidade), dispondo de estatuto diferente dos Amigos.

Do debate subsequente, poder-se-ão referir algumas afirmações e clarificações: os museus, de um modo geral, não têm personalidade jurídica própria, enquanto os grupos/associações de Amigos a têm e daí resultam vantagens mútuas; a recente criação do Conselho dos Museus poderá vir a constituir significativo passo em frente na definição, em conjunto com todos os parceiros envolvidos, de uma política museológica coerente; o ‘estatuto’ dos museus municipais mantém inúmeras ambiguidades: não dispõem de autonomia, são meras secções camarárias... daí resultando dificuldades de actuação inclusive por parte dos respectivos Amigos.

Foi moderado pelo Dr. Luís Raposo, director do Museu Nacional de Arqueologia, o painel que deu voz aos museus.

A iniciar, Dalila Rodrigues, directora do Museu Nacional de Arte Antiga, começou por sublinhar que «os grupos de amigos são um meio fundamental à concretização do programa do museu, seja no plano da sua essencial dimensão sócio-pedagógica, seja no do, não menos essencial, plano dos recursos humanos e financeiros» e «constituem também uma âncora ou uma garantia de efectivo compromisso do museu com a comunidade». E continuou: «Considerando as

dificuldades operativas que decorrem do actual modelo de gestão, da falta de autonomia financeira e administrativa, da lei do mecenato e da administração pública, o grupo de amigos constituiu-se não apenas como um meio, mas como “o meio”, pois potencia uma relativa autonomia. E focou três conceitos estruturantes da relação museu/grupo de amigos: fronteira, hierarquia, sinergia:

– «Uma linha de fronteira clara entre o Museu e o Grupo de Amigos é útil e aconselhável para ambos. Os amigos são um meio, porque o fim é a concretização do programa e dos objectivos do Museu. O museu não substitui o grupo de amigos, tal como o grupo de amigos não pode sobrepor-se ao museu».

– Uma hierarquia que não pode ser desrespeitada: «Em primeiro lugar, o Museu e a concretização dos seus objectivos».

– Sinergia: «O museu e o grupo de amigos devem programar conjuntamente e unir-se em torno de objectivos comuns».

Dentre várias sugestões, poderá salientar-se a do interesse que há em promover diversificação do perfil etário dos Amigos e a de não se ter receio de... «fazer *lobby*» em torno dos projectos comuns.

Graça Filipe, do Ecomuseu Municipal do Seixal, centrou em três pontos a sua intervenção, que intitulou «Amigos e Doadores do Ecomuseu Municipal do Seixal: entre informalidade e compromisso institucional, relações dinâmicas e formas de participação centradas no património»:

- a) realçar a importância do Grupo de Amigos;
- b) evidenciar a vocação social do Museu;
- c) explorarem-se as potencialidades dos grupos de Amigos.

E, depois de se ter referido às actividades, nestes domínios, do Ecomuseu em que trabalha, sublinhou quão importante se torna que o relacionamento entre museu e grupo de Amigos se situe também – e, quiçá, primordialmente – numa óptica de cidadania.

Sofia Pessanha, em representação da Casa-Museu Abel Salazar, de Matosinhos, fez – por dificuldades técnicas – a sua intervenção no painel da tarde, mas é justo que se refira aqui, onde ela estava prevista. Integrada, desde 1975, na Universidade do Porto, por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian que zelara pela preservação do património legado pelo Prof. Abel Salazar, é dirigida por uma Associação Divulgadora, que dinamiza inúmeras acções de âmbito cultural: exposições, conferências, publicações...

Teresa Vilaça, directora do museu da Fundação Medeiros e Almeida, trouxe um novo repto ao debate: a casa-museu que dirige, de propriedade particular, detém uma colecção ímpar, situa-se no coração de Lisboa, mas... não tem Grupo de Amigos e, apesar de todas as acções de promoção das suas iniciativas, inclusive bem divulgadas nos mais variados meios de Comunicação Social, não é conhecida o bastante no panorama museológico português. Como fazer para gerar as sinergias de que há pouco se falava?

No entender do Dr. Luís Raposo, poderão ser as seguintes conclusões a tirar deste mui interessante painel e do amplo debate que provocou:

“– a relação entre museu e grupo de amigos deve situar-se principalmente, no plano conceptual, no âmbito da cidadania; os museus constituem instituições sociais com especiais responsabilidades na promoção do conhecimento, do espírito cívico e do sentimento de pertença comunitária; os grupos de amigos podem constituir elementos decisivos de abertura do museu à sociedade em geral e às comunidades envolventes, em particular; através dos grupos de amigos, os museus podem alargar substancialmente o leque das suas actividades e exercer assim um papel social mais interventor;

– na sua relação com os museus, importa que os grupos de amigos adoptem os princípios éticos e os objectivos fundamentais acolhidos internacionalmente neste domínio; o mais importante deles é o de considerar que as suas actividades devem, em absoluto, acomodar-se ao programa estratégico de actuação dos respectivos museus, definidos pelas suas direcções e/ou tutelas, reforçando-os;

– em ordem a que a relação entre museus e grupos de amigos seja sadia, de acordo com o princípio fundamental indicado anteriormente, afigura-se que a sua existência assente em três pilares fundamentais: **fronteira** clara e bem definida entre “museu” e “grupo de amigos”, seja no plano das pessoas, seja no plano dos meios logísticos e financeiros; **hierarquia** de interesses e objectivos, tendo sempre presente a prioridade absoluta a conferir ao superior interesse do museu, definido no seu plano estratégico de actuação; **sinergia** de intervenção quer na realização de programas conjuntos com as actividades normais do museu, quer na promoção de actividades próprias;

– num certo sentido, todos os utilizadores de um museu são seus amigos; os doadores e os voluntários são, em si mesmo e pelos actos ou actividades que praticam, amigos especiais dos museus; mas o papel daqueles amigos que se auto-organizam e declaradamente assim se proclamam, vai para além de todos os anteriores: a eles cabe também um importante e activo papel

de pressão social, seja junto dos poderes políticos e das tutelas dos museus, seja junto do todo social, reclamando, com a total liberdade e independência que o seu estatuto lhes confere, a obtenção das melhores condições para que o “seu” museu cumpra plenamente as funções sociais que a respectiva direcção e eles próprios perseguem;

– os membros dos grupos dos amigos dos museus deverão ser os mais exigentes utilizadores do museu; sendo talvez os melhores conhecedores e apreciadores dos seus êxitos e dos seus fracassos, exige-se que sejam os primeiros a assinalar ambos, com lealdade, vivendo-os como se fossem seus;

– os museus deveriam, na medida do possível, conferir maior visibilidade aos seus grupos de amigos, através de recursos como vitrinas próprias, espaços de lojas, páginas na Internet, etc.; através destes meios não apenas se devem prosseguir fins mercantis, que em todo o caso são necessários, como principalmente deve instituir-se nos visitantes dos museus, nos cibernautas, enfim, nas pessoas em geral, a ideia de que ser amigo de um museu, organizado no seu respectivo grupo de amigos, constitui um acto cívico prestigante e uma oportunidade de enriquecimento cultural’.

Da parte da tarde, moderou a sessão o Doutor José d'Encarnação, docente do Mestrado em Museologia e Património Cultural na Universidade de Coimbra. E a sessão revestiu-se de um carácter ainda mais abrangente que as anteriores, porquanto as temáticas não se cingiram a uma entidade museológica localizada mas espalhada no todo nacional, a exigir, porventura, ainda mais ampla mobilização de meios humanos e logísticos, no âmbito de patrimónios, ainda por cima, em risco de degradação, sendo, por outro lado, repositórios ímpares, cada um a seu jeito, de uma memória a decisivamente preservar.

Assim, Francisco Sousa Lobo, sob o sugestivo título «A fortificação da memória», deu conta da intensa actividade levada a cabo, por todo o País, pela associação que dirige, os «Amigos dos Castelos». «Únicos elementos do património construído com uma relação activa com as envolventes», os castelos entendidos como museus permitem, por isso, uma interpretação dessa envolvente, uma leitura do sistema defensivo e a ‘exploração’ do espaço e da vida quotidiana. A preservação deste património – através de visitas de sensibilização, acções de divulgação e salvaguarda, projectos como o anunciado de «Lisboa, cidade medieval», com a mais ampla colaboração de pessoas ligadas aos mais variados sectores, inclusive da investigação histórica e arqueológica ao mais alto nível – faz com que a actividade dos Amigos dos Castelos se possa considerar altamente meritória.

José Eduardo Neto da Silva traçou-nos, ao invés, um panorama, se não desolador, pelo menos, assaz preocupante: a sua Associação de Amigos do Museu Nacional Ferroviário luta, há quatro anos e sem grande êxito, pela instalação do museu no Entroncamento, localidade emblemática neste domínio. O Museu seria, em seu entender, o motor possível para a salvaguarda de um precioso espólio – em material circulante, em equipamento, em património edificado (que preciosidades arquitectónicas são algumas das estações ora em riscos de totalmente se perderem por estarem encerradas ou por mera incúria!...) – que é urgente preservar como memória. Um património que, por conseguinte, não é apenas ‘industrial’ mas também edificado, paisagístico...

Ricardo Pereira, em representação da associação Pedra Angular – criada para a defesa, divulgação e preservação do vasto património confiado às igrejas – deu conta, a concluir este painel, da actividade desenvolvida, em ampla colaboração com os serviços criados para esse efeito na Diocese de Beja, sendo intenção alargar a sua acção a todo o País, porquanto é geral essa problemática do espólio religioso em perigo. Uma acção que tem merecido apoio das entidades competentes.

As três intervenções suscitaram, naturalmente, dado o seu teor, intenso debate com vista a tomada de posições e pedidos de esclarecimento.

No período que se previra, após a pausa-café, para as comunicações dos Associados da Federação, apenas usou da palavra Ortigão Neves, do Grupo dos Amigos do Museu de Marinha, que pormenorizadamente deu conta do minucioso trabalho de inventário que, no seio do seu Grupo, se está a desenvolver no sentido de tudo se saber acerca das «Casas do Mar», ou seja, das instituições museológicas que directamente se prendem com a actividade marítima ou que simplesmente dispõem, no seu acervo, de secções ou espólio ligados ao mar e/ou à actividade marítima, tendo exemplificado com o caso do Aquário Vasco da Gama, no Dafundo.

Ainda que não expressamente abordado por esta intervenção nem por nenhuma das que constituíram os diversos painéis, talvez não seja despiciendo referir – e agradeço, neste âmbito, a colaboração da tenente do Exército, Dra. Helena Maciel, da Liga dos Amigos do Museu Militar – que também no seio das instituições militares a vertente museológica assume, cada vez mais, um papel preponderante, com características e problemáticas muito próprias a que, sem dúvida, a Federação dos Amigos de Museus de Portugal não vai ser alheia, podendo vir a ser prudente e eficaz intermediária na ultrapassagem de condicionalismos burocráticos e institucionais, nomeadamente no que concerne ao tratamento das colecções e deste singular espólio histórico

assim como na viabilização da integração dessas ‘unidades’ na Rede Portuguesa de Museus. Um debate mais alargado e específico no que aos museus e ao património artístico-cultural dos vários ramos das Forças Armadas diz respeito afigura-se, na verdade, da maior premência e actualidade. O destino da Fragata «D. Fernando II e Glória» ou o do submarino «Barracuda», enquanto peças museológicas ímpares – por exemplo – deverão despertar-nos para uma realidade que, embora não inteiramente presente neste nosso congresso, vai suscitar, decerto, uma reflexão por parte da Federação e dos que, nestes dias, aqui estivemos, no cenário bem agradável deste vetusto Convento de Nossa Senhora da Piedade, pleno de tradição, ora magnificamente reabilitado para funções culturais e museológicas, como Centro Cultural.

Todos estamos reconhecidos à Federação dos Amigos de Museus de Portugal por nos ter proporcionado estas jornadas de reflexão, de convívio e de partilha e à Câmara Municipal de Cascais pela hospitaleira generosidade do seu acolhimento, pondo ao nosso dispor a eficácia de um bem simpático Secretariado, o conforto das instalações (já se disse) e, *last but not the least*, bem saborosas viandas para refrigério de intensas actividades intelectuais.

Cumpre, ainda, em jeito de comunicado final, sintetizar ideias-mestras que a todos nos motivaram durante estes dias. E a minha proposta é a seguinte:

COMUNICADO

I CONGRESSO DOS AMIGOS DOS MUSEUS DE PORTUGAL

Os Amigos dos Museus de Portugal, reunidos em Cascais, no seu I Congresso, de 17 a 19 de Novembro de 2005, subordinado ao tema «Os Amigos dos Museus, elementos activos nas estratégias dos museus»:

1. Congratulam-se com a oportunidade da iniciativa, levada a cabo sob os auspícios da Federação de Amigos dos Museus de Portugal, e manifestam o seu maior reconhecimento a quantos tornaram possível este evento, designadamente a Câmara Municipal de Cascais.

2. Reiteram a sua convicção de que constituem, na verdade, elo imprescindível na defesa e promoção das entidades museológicas, independentemente da entidade a que estejam directamente subordinadas.

3. Nesse sentido, reafirmam a sua vontade de – no mais estrito respeito pelos campos de acção próprias de cada entidade e pelas hierarquias existentes – fomentarem benéficas sinergias para que, em conjunto, os museus atinjam os seus objectivos maiores.

4. Como pessoas colectivas que visam uma actividade de índole eminentemente cultural, consideram ser estrita obrigação do Estado e das entidades tutelares dos Museus, propiciar, sem peias burocrático-administrativas, um diálogo frutuoso, com vista a mais rendível aproveitamento dos recursos museológicos do País. Nesse âmbito, os participantes neste I Congresso dos Amigos dos Museus de Portugal não podem deixar de manifestar, por exemplo, a sua mais profunda apreensão pela demora na viabilização do Museu Ferroviário Nacional, como forma de se suster a degradação de um rico património da nossa memória colectiva.

5. Ouvidos, neste I Congresso, os contributos das entidades tutelares, de responsáveis por museus e de Amigos dos Museus, reconhece-se a incontestável utilidade desta reunião, cuja continuidade vivamente se preconiza – para, em reencontro, se concertarem estratégias, se reforçar o mútuo conhecimento e se fomentar ainda maior coesão em torno dos objectivos comuns.

A encerrar os trabalhos usou da palavra em representação do presidente da Câmara Municipal de Cascais a Dra. Ana Clara Justino, vereadora da Cultura daquela Câmara, Fausto Brito e Abreu em nome da Presidente da Federação Mundial e a Presidente da FAMP.

ASSEMBLEIA GERAL DA FAMP. 17 DE NOVEMBRO 2005

A Mesa da Assembleia Geral foi presidida por Rita Veiga da Cunha, Presidente do Conselho Fiscal, em substituição do Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Gonçalo e Vasconcelos e Sousa. Secretariou a reunião Rui Ortigão Neves representante do Grupo de Amigos do Museu de Marinha.

Dando cumprimento à Ordem de Trabalhos procedeu-se à

- Aprovação do Relatório e Contas de 2004, depois de apreciado o parecer do Conselho Fiscal sobre os mesmos.
- Não houve apresentação de Orçamento e Plano de Actividades para 2006, pois entendeu-se ser da competência da nova Direcção.
- Aprovação da proposta de alteração dos Estatutos apresentada pela Direcção.

- Eleição dos novos Órgãos Sociais para 2006-2009 (inclusivé)

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – **Fausto de Brito e Abreu**

Grupo de Amigos do Museu do Mar

1.º Secretário – **Joaquim Ferreira da Silva**

Grupo de Amigos do Museu de Marinha

2.º Secretário – **Rui Manuel Ramalho Ortigão Neves**

Grupo de Amigos do Museu de Marinha

DIRECÇÃO

Presidente – **António Pestana de Vasconcellos**

Circulo Dr. José de Figueiredo

Vice-Presidente – **Maria Otília Medina**

Grupo de Amigos do Museu N. de Arte Antiga

Secretário – **Luís Filipe Gomes Lopes**

Associação de Amigos do Museu Nacional Ferroviário

CONSELHO FISCAL

Presidente – **José António Cervaens Rodrigues**

Grupo de Amigos do Museu Nacional do Azulejo

1º Vogal – **Vitor Gonçalves**

Sociedade Portuguesa de Armas Antigas

2º Vogal – **Luís Bernardo Brito e Abreu**

Grupo de Amigos do Museu do Mar

- Por proposta do Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga, Maria de Vasconcellos e Souza foi eleita Presidente Honorária da Federação de Amigos dos Museus de Portugal, em reconhecimento do empenho e trabalho desenvolvido na criação da Federação, sua filiação na Federação Mundial e como presidente da Federação ao longo destes anos.

PRÉMIO PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS 2004

O Prémio Professor Reynaldo dos Santos 2004, co-financiado pela Fundação BCP e por Estoril Sol, foi atribuído aos Amigos do Museu Nacional do Azulejo pela exposição temporária “*Eduardo*

Nery: exposição retrospectiva; tapeçaria, azulejo, mosaico, vitral (1961-2003)” que esteve patente naquele Museu.

O prémio foi entregue pela Presidente da Federação de Amigos dos Museus de Portugal ao grupo de Amigos do Museu Nacional do Azulejo numa cerimónia que teve lugar naquele Museu no passado dia 26 de Setembro, na presença de numerosos Amigos. O júri fez-se representar pelo Professor Vitor Serrão e a Estoril-Sol pelo seu Director, Senhor Miguel Sanches.

NOVOS ASSOCIADOS

Durante o ano de 2005 aderiram à FAMP três novos associados: *Amigos do Solar Condes de Resende-Confraria Queirosiana, Liga dos Amigos do Museu de Macau e Margarida Benito Garcia.*

PUBLICAÇÃO DO LIVRO COMEMORATIVO DO 30º ANIVERSÁRIO DA WFFM

Para comemorar o seu 30º aniversário a Federação Mundial de Amigos dos Museus editou um livro com reproduções de obras oferecidas aos museus pelos respectivos Grupos de Amigos e que foi apresentado no Congresso da WFFM em Sevilha.

Correspondendo ao pedido da Federação Mundial a FAMP, depois de uma consulta aos seus Associados, enviou o descritivo e fotografias de 5 obras emblemáticas doadas pelos Amigos. As peças seleccionadas pelo curador científico para serem publicadas no livro da WFFM foram:

Modelo em madeira da Galera "Alpha" do sec. XIX, trabalho português de autor desconhecido, propriedade do Museu de Marinha, doação do Grupo de Amigos do Museu; Lintel da arquitrave de entrada num templo funerário do sec. IV D.C. encontrado no Alentejo, propriedade do Museu Nacional de Arqueologia, doação de Monique Dekers, sócia do Grupo de Amigos do Museu.

FEDERAÇÃO MUNDIAL DOS AMIGOS DOS MUSEUS (WFFM)

A Assembleia Geral da WFFM, que teve lugar em Montreal, Canadá, em Maio de 2005, reconduziu a nossa Federação como membro do Conselho, por um mandato de mais seis anos, facto que muito nos honra.

XII CONGRESSO DA WFFM . SEVILHA, 18-22 OUTUBRO 2005

A FAMP participou nos trabalhos deste Congresso cujas conclusões provisórias se apresentam a seguir:

CONCLUSIONS: XII WFFM WORLD CONGRESS

1. Museums are no longer solely entities that preserve memory but instead cultural institutions.
2. Friends can and should strengthen their educative role in museums.
3. The educative mission of museums must be in consonance with the right to culture.
4. Museums as a means of economic development, help eradicating poverty and developing youth.
5. Great museological ideas can be achieved with small budgets, enticing and motivating the museum personnel, the voluntaries, the Friends, and the authorities.
6. Friends of Museums should be a part of Directive Boards in order to develop combined strategies.
7. Friends should continue to breach the gap between the museum and its public.
8. Marketing is another tool that can be used by museums to attract more public and let themselves known.
9. Museums are consolidating themselves as one of the primary destinations for cultural tourism.
10. The cultural policy must eliminate improvisation and should be planned in terms of territorial, cultural, and tourism aspects.
11. Museums integrate the intangible, ethical, ecological, and spiritual patrimony.
12. Most definitively, museums must look towards the future, maintaining the perpetuation of memory.